



ENTREVISTA de Maria Lúcia Dal Farra a Cláudia Pazos Alonso

Maria Lúcia – Cláudia, minha tão querida! Venho bater um papo com você dirigindo a nossa conversa no sentido de favorecer ao leitor um melhor conhecimento do seu desempenho especialíssimo como intelectual, pesquisadora e professora da Universidade de Oxford, onde é, atualmente, Professora de Estudos Portugueses e de Gênero. Mas, ao mesmo tempo, quero dirigir a nossa conversa para o caso específico concernente ao evento em pauta, buscando descerrar para todos o seu trabalho pessoal enquanto divulgadora, crítica e também editora (ao lado do Fabio Mario da Silva) da Judith Teixeira. A gente se conheceu parece que há séculos! Foi o nosso querido Helder Macedo, meu amigo e seu orientador então no King's College, que, a propósito de Florbela, nos aproximou para sempre. A partir de então, passamos a nos cartear com a maior assiduidade e nunca mais nos deixamos. No entanto, só fomos nos conhecer pessoalmente bem depois, num congresso no Rio ou em São Paulo. Mas, quando nos vimos, já éramos velhas amigas e cúmplices! Penso que isso ocorreu depois de 1994, pois que o meu *Trocando Olhares* já tinha saído, você já o lera minuciosamente e falamos muito a respeito. Sabe que tenho lembranças até do local onde nos vimos? Foi numa espécie de café. Lembro das mesas de madeira marrom, pequenas e quadradas – cabíamos sentadas no máximo 4 pessoas – e a gente, sempre carregada de livros, libretos do congresso, pastas, bolsas, agasalhos que tirávamos e púnhamos, ocupou as duas cadeiras vazias com esses adjutórios todos que nos acodem nas viagens. E que ali permanecemos durante toda uma tarde, num conversê muito animado e amiguelo. Tenho impressão de que, naquela altura, estávamos às voltas com a identidade enigmática da Júlia Alves, charada que, diga-se de passagem, até hoje persiste, porque o leque de suposições que a envolvem não se dissipa. E ficamos ali trocando informações e detalhes que tinham como alvo a nossa Musa. Seu livro saiu em 1997, o *Imagens do Eu na Poesia de Florbela Espanca*, e nós éramos de novo coleguinhas de edição, ambas pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Acho que a nossa correspondência sobre Florbela pode até ser um adendo para consultas – se um dia alguém se aventurar a históriá-la! – porque o que uma descobria enviava para a outra, e quando aprontávamos um texto, fazíamos o mesmo, para saber da opinião da outra – e assim por diante. Isso ao longo de muitos anos. São incontáveis nossas trocas e a última delas foi aquele texto magnífico, tão sensível e erudito que você escreveu sobre aquele conjunto de poemas “De Florbela para Pessoa. Com amor”, que permanentemente me comove e instiga. Você



entendeu tudo, tudinho, Cláudia, e até mesmo foi parar numa tradução que o Sena fazia de um dos poemas de Pessoa que eu carregara para lá... Não sei como você o desvendou! Mas, por que não, se você descobriu até mesmo uma Judith inédita?! Ninguém sabe – ou muito poucas pessoas tomaram conhecimento disso –que, antes de ter saído a edição pioneira da & etc em 1996, você topara com um manuscrito da Judith, que permaneceria inédito até a edição que você e o Fábio fizeram. Tratava-se um manifesto e de um conjunto de poemas, creio. Então, é bom começarmos logo por esse evento, com essa informação que, certamente, revela uma aventura inesperada pelos sebos e alfarrábios de Lisboa, e esse ângulo seu, tão apreciável, de faxineira de manuscritos...

Como foi que você encontrou os tais inéditos de Judith? Conte-nos sobre esse acontecimento! E também quais foram, na altura, as expectativas que você passou a nutrir sobre a Poetisa. Foi a partir daí que você reuniria as restantes produções dela nesse tão precioso livro publicado pela Dom Quixote em 2015, trabalho de edição sua e do Fábio – não é?

Cláudia – Em primeiro lugar deixe-me dizer-lhe, querida Maria Lúcia, que é uma honra e um prazer estar a conversar consigo sobre as “nossas” poetisas. E que a sua enorme generosidade em partilhar informação comigo à distância, quando eu ainda estava em início de carreira a fazer o doutoramento, foi determinante para o meu percurso posterior. Visto que não havia Skype nessa época, foi apenas no contexto do Congresso da AIL, no Rio de Janeiro, em 1999, que tivemos finalmente a oportunidade de nos conhecer pessoalmente. Foi consigo que aprendi o que significava pesquisar um arquivo no intuito de descobrir nova informação. Isto é, a ler manuscritos com olhos de ver, percebendo que eles “falam” connosco, e que são autênticos laboratórios da escrita... Mais ainda, se não fosse a sua publicação dos manuscritos da Florbela no seu *Trocando Olhares*, pela Imprensa Nacional, porventura eu não teria percebido de imediato a importância do caderno manuscrito da Judith Teixeira quando surgiu a oportunidade de o comprar.

Eu já contei a história da sua aquisição na introdução da Dom Quixote, por isso respondo à sua pergunta de forma abreviada. Estava o meu doutoramento em curso, e eu percorria todos os alfarrabistas de Lisboa à cata de primeiras edições de poesia de autoria feminina. De longe o meu local preferido era a Livraria Histórica e Ultramarina. Porquê? Porque nesse espaço amplo, havia numa pequena sala escondida bem ao fundo, inteiramente dedicada a escritoras. O que empresta um significado literal ao famoso dito de Virginia Woolf



... um quarto que seja seu! Como é óbvio, graças a essa organização pragmática, nessa livraria era muito mais fácil abarcar tudo o que estava disponível! De facto, as prateleiras estavam recheadas de obras, muitas delas desconhecidas ou esquecidas, e por isso ainda mais aliciantes. E eram tantos os livros que ainda os havia aos montes pelo chão. Foi aí que me deparei com vários exemplares de *Decadência* de Judith Teixeira, e das suas duas coletâneas de poesia posteriores, *Castelo de sombras* e *Nua*. Comprei-os logo, aguçada pela curiosidade, até pela elegância do formato de *Decadência* – que saía do modelo mais reduzido que eu estava habituada a manusear.

Ora, o senhor Silva, mais tarde, tendo percebido que eu estava interessada em coisas do arco da velha, um belo dia veio oferecer-me a oportunidade de comprar o tal caderno manuscrito da Judith. Mas na altura o valor ainda era avultado para mim. Pedi-lhe pois que o guardasse e assegurei-lhe que voltaria. Na verdade só voltei daí bastante tempo, e pensei que ele até já tivesse vendido a outra pessoa. Mas não, ele manteve-se fiel ao compromisso – e assim o manuscrito passou à minha guarda. Foi pena ele não me poder explicar como é que o manuscrito lhe chegara às mãos. Quem sabe se a pessoa que o guardara não detinha mais informação sobre a Judith? Ao adquirir o dito cujo, eu não tinha nenhuma expectativa concreta, foi mais um palpite que era imprescindível preservar esse material.

Estava eu nessa altura a transitar da universidade de Newcastle para a de Oxford, com montes de aulas, que abrangiam literatura portuguesa, brasileira e até africana, e além disso pouco depois nasceram os meus dois filhos, o que me deixou com ainda menos tempo. Assim, confesso que o manuscrito ficou um pouco esquecido numa estante onde eu guardava alguns livros mais valiosos. Afinal demorou quase 10 anos até eu voltar à própria Florbela, para um capítulo de *Antigone's Daughters* em colaboração com Hilary Owen. A isso seguiu-se de imediato as reedições da poesia de Florbela em livros individuais, com o Fabio Mario da Silva, o qual me desafiou para tal – a pretexto que você tinha indicado o meu nome, o que me deixou sem jeito de recusar a encomenda! A páginas tantas, o Fabio propôs-me reunir a obra de Judith Teixeira, até porque já havíamos ambos publicado separadamente artigos sobre ela entretanto. Foi apenas nessa altura que eu lhe contei que tinha esse manuscrito em minha posse – acho que ainda não contara a ninguém. Parecia um momento oportuno até porque se avizinhava então o centenário do Orpheu, e deu-me imenso prazer fazer esse trabalho editorial a quatro mãos com ele.



Maria Lúcia – A partir dessas informações ignoradas até então, que vocês juntaram, e do estudo com que você abre o volume, a gente percebe bem que a História Literária se sentia um tanto contrafeita em admitir em seus quadros uma poetisa daquela envergadura. Creio mesmo que, se vocês não tivessem tomado essa empreitada de publicação do montante até então (des)conhecido da obra da Judith, e se, ao mesmo tempo, não tivessem estendido essas descobertas até os colóquios, congressos, a publicação de ensaios, pesquisas de pós-graduação, etc – a nossa Poetisa estaria ainda relegada às traças. Não que a benemérita edição anterior, a & etc, não tivesse se empenhado nessa divulgação, mas não me consta que esta tenha alcançado os leitores e estudiosos brasileiros. O que quero ressaltar é que, suponho, a obra de Judith ainda permaneceria numa espécie de limbo da crítica, se você não tivesse se aplicado em fazer aquela varredura à cata dos inéditos da... Florbela!

Cláudia – A Maria Lúcia tem toda a razão, quem fez o primeiro grande trabalho de recuperação foram os editores da & etc, num volume que trouxe imensa informação nova sobre a Judith Teixeira, inclusive com um levantamento das reações da crítica da época, quase todas extremamente negativas. E por outro lado, entretanto também tinha surgido a antologia de René Garay e o website de Martim Gouveia de Sousa. E também dois mestrados realizados em Portugal, de Iliyana Ivanova Chalakova e de Andreia Fragata Oliveira Boia, concluídos respectivamente em 2012 e 2013. A maior novidade da nossa edição, além de oferecer um novo instrumento de trabalho ao disponibilizar o acesso aos textos em si, quer de poesia quer de prosa, é sobretudo dar a conhecer inéditos, cerca de vinte poemas manuscritos e uma conferência. Este material ajuda a avaliar as prioridades de Judith Teixeira quando ela estava a dar os últimos retoques a *Decadência*, o volume que constituiu a sua estrondosa estreia literária.

Quanto à divulgação em colóquios, Maria Lúcia é incrivelmente generosa, mas na verdade o mérito foi do Fabio pois foi ele que esteve à frente do congresso de 2015, desunhando-se para assegurar a posterior publicação de ensaios, na qual eu não consegui participar porque, entretanto, já estava completamente ocupada com uma outra ilustre desconhecida, a minha querida Francisca Martins de Assis Wood. Assim é ao Fabio que se deve antes de mais a divulgação de Judith Teixeira no Brasil, uma divulgação que ainda está em curso: além do número da presente revista, e de outro da *Via Atlântica* que acaba de sair, sei que ele está a ultimar um livro inteiramente dedicado à Judith, que promete trazer mais novidades...



Maria Lúcia – Eu sempre impliquei com o Pessoa por não ter sequer mencionado a Judith na defesa que faz dos seus amigos envolvidos no deplorável episódio da *Literatura de Sodoma* em 1923. Você viu bem que eu até o castiguei no tal conjunto de poemas. Mas ainda fico me perguntando as razões desse seu malfeito. Talvez lhe fosse embaraçoso, naquele momento, apoiar, numa mulher, o mesmo direito à homossexualidade que ele defendia no Leal e no Botto? E quem sabe, no próprio Álvaro de Campos? Ou seria por que ele não admirava, de fato, a poética da Judith? Ou, enfim, por ambas e mais algumas outras tantas razões? Já vimos que também – grande pena! – o Régio vai seguir a linhagem do ignorá-la porque considera que “todos os livros de Judith Teixeira não valem uma canção de A. Botto”. Pois bem, no entanto, sempre me dói pensar que, verdadeiramente, não era a questão estética o que pesava no escândalo de Sodoma. Não! Acho mesmo que esta era um pretexto e não passava de uma bucha-de-canhão para punir os ditos infratores da ordem estabelecida. O nó do escarcéu consistia, a meu ver, na constatação e divulgação da existência de escritores sexualmente desviantes do padrão considerado até então normal, e que tinham a coragem de se manifestar como tais nos próprios escritos literários. Só esse acontecido já valeria o apoio do Pessoa – mas ele não deu a menor importância à Judith! O que você pensa a respeito, querida?

Cláudia – Pois é, a Maria Lúcia tem esses versos inesquecíveis: “ E pensar que tu, Pessoa / (honra da *Literatura de Sodoma!*) /só foste leal ao Raul e ao Botto (o invejoso): / Judith jamais te existiu!”. Porque é que Fernando Pessoa não vem em defesa da Judith? Eu acho que tem a ver com laços de afetividade homosociais. Naquela época as conversas de café em locais públicos ainda eram praticamente todas entre homens. Uma mulher que se passeasse numa rua sozinha ao anoitecer era uma mulher pública, isto é uma prostituta. Portanto as assimetrias de gênero estavam muito inscritas espacialmente, e também traduzidas e reproduzidas no imaginário coletivo. Claro que com o advento da República, o papel das mulheres modificou-se, com mais direitos, visibilidade e algum protagonismo público. E de certa forma o próprio grupo do Orpheu teria consciência disso, ao divulgar a colaboração supostamente feminina de Violante de Cysneiros – pseudônimo de Armando Côrtes-Rodrigues. Já no *Portugal futurista* colaborou uma escritora, a Valentine de Saint-Point, mais admissível talvez por ser estrangeira. Claro que as mulheres tinham as suas próprias revistas e



salões, basta pensar no periódico de Olga de Moraes Sarmiento e Ana de Castro Osório, *Sociedade Futura*, na viragem do século. Mas é preciso esperar pela *Contemporânea* para ter uma revista modernista com colaboração feminina –entre outros nomes, aí surge o de Judith Teixeira. Por isso causa realmente espécie que Fernando Pessoa não a tenha defendido. Porque, para todos os efeitos, ela era uma colega de ofício. Talvez até não tenha sido por mal, mas acho que se trata de um caso de misoginia quanto mais problemático quanto inconsciente. Aliás fica a dúvida: haveria alguma escritora que ele considerasse à altura intelectual de um homem? Ele leu várias escritoras de língua inglesa, clássicas como Elizabeth Barrett-Browning em jovem, e mais tarde contemporâneas que se dedicaram à ficção detetivesca. Mas como transparece na biografia do Richard Zenith, no que diz respeito a escritoras portuguesas há um vazio, uma grande ausência – apesar da própria mãe ter escrito alguns versos!

Maria Lúcia – Além de tudo, a publicação dos inéditos descortina um cenário de maior amplitude e nitidez para conhecermos melhor o lugar que Judith já ocupava na vida literária portuguesa. Há um poema de Judith dedicado a Botto, um dos amigos defendidos por Pessoa; há, também, traços claros do Modernismo na diagramação e layout na sua primeira publicação, que se gera na gráfica da Libânio da Cruz – casa editora que imprime a *Contemporânea* em que ela também colaborou; há também, nos inéditos, um poema que estabelece um liame entre Judith e Carlos Felipe Porfírio, o mesmo editor e diretor do *Portugal Futurista*, aquele que dera à estampa o tal “Manifesto” da Valentine Saint-Point, em que Judith se apoiará, para sua defesa, na conferência *De Mim*. E se falamos em *Portugal Futurista*, já temos uma listagem de escritores modernistas ali concentrados... De resto, o mesmo Porfírio fizera-lhe um retrato que também comparecera na *Ilustração Portuguesa*. Então, querida, você já havia estabelecido esses vínculos entre ela e os intelectuais modernistas da altura, levantando, inclusive, a ala espanhola, de que também nos dá notícia no seu prefácio. E nem é preciso lembrar que foi também ela a diretora e fundadora da elegantíssima *Europa*, em que muitos modernistas e mesmo a Florbela colaboraram. Assim, tudo nos leva a crer que Judith é, deveras, uma intelectual muito bem situada nos meios artísticos portugueses enquanto não publique o seu *Decadência*. A partir daí é que parece terem explodido a detração e a perseguição, contando, inclusive, com a pena litigante, deselegante e misógena do... Marcelo Caetano! É de pasmar concluir que uma obra que ande



na contramão dos movimentos – para o caso, não só editoriais, mas políticos – possa levar tanta bordoadada. A Judith experimentou, em vida, aquilo que a Florbela experimentará na morte. E você aproxima as duas, já no seu prefácio. Demorei tanto para chegar à pergunta – que, como você vê, minha querida, não é nada muito circunscrita – para que você possa explanar-se livre e sossegadamente sobre estas questões aqui pulsantes, considerando o que achar conveniente a respeito. E, claro, se quiser, aperte mais as relações poéticas entre a Florbela e a Judith.

Cláudia – Não há dúvida que Judith Teixeira se relacionava com a *intelligentsia* cultural e boémia da época: Botto, o grupo da *Contemporânea*, que incluía vários espanhóis; Carlos Porfírio que, como a Maria Lúcia sublinha, tinha sido diretor do *Portugal Futurista*, facto relevante, dado que esta revista fora censurada, o que significa que a escolha de Porfírio como ilustrador da capa de *Decadência* era desde logo uma tomada de posição em relação à liberdade de expressão; António Ferro (também censurado posteriormente pela peça *Mar Alto*) e outros nomes que ela reúne na sua luxuosa e requintada *Europa*. Todos eles homens, note-se, pois eram os homens que detinham ainda o monopólio quase completo do poder simbólico e cultural. No entanto, não podemos passar sob silêncio o facto que as mulheres também se relacionavam entre si...

E muito interessante é pensar se Florbela e Judith Teixeira se teriam conhecido pessoalmente. No mínimo trocaram alguma correspondência, pois de outra forma é difícil explicar a colaboração de Florbela na *Europa* com o soneto “Charneca em flor”, facto esse que me foi muito grato descobrir durante a tese de doutoramento. Nesse aspecto, o doutoramento alertou-me para a necessidade de descortinar melhor a questão das redes de sociabilidade intelectual feminina, a par e passo com as de sociabilidade masculina. De certa forma também foi aí que nasceu o meu interesse pelos periódicos – facilitavam a aprendizagem e as interações entre mulheres, como se vê no caso da jovem Florbela em relação à Júlia Alves, já referida por si, ou a Madame Carvalho. E a verdade é que Judith Teixeira seguramente também teria a sua rede feminina. Por exemplo, no manuscrito existem dedicatórias a Cacilda Pinto de Castro e Maria Isabel Gamito. Ainda não fiz a pesquisa a fundo, mas à primeira vista quer me parecer que seria proveitoso confrontar o livro de contos *Silhuetas* de Cacilda de Castro com *Satânia*. Mas, infelizmente, quando o escândalo da



chamada literatura de Sodoma rebentou, as mulheres ainda não tinham peso cultural suficiente para sair publicamente em defesa de Judith. E, talvez por isso, tanto em *Nua* como em *De Mim*, ela acaba por se apoiar em referências além-fronteiras, como Renée Vivien, ou Isidora Duncan, ou Valentine de Saint-Point.

Nesse contexto gostaria de realçar que o rascunho de um poema dedicado a Botto nunca veio a ser completado ou publicado. Possivelmente Judith ficou desgostosa com a situação de ter sido tão marginalizada. A tentativa de aproximação dos seus pares masculinos revelou-se ilusória. Mas ficou desde logo registada num dos poemas manuscritos escrito a lápis, “Ergo-me”, que provavelmente lhe deu a ideia para o próprio título *Decadência*, onde ela interpela os seus iguais de forma impressionante, na segunda estrofe:

Oh! poetas da minha raça
 Meus irmãos na decadência
 Sacudi o falso manto da prudência
 Cantai comigo uma marcha rubra e triunfal

Nesse sentido, Judith estava bem próxima de Florbela, a qual, por acaso do destino, praticamente na mesma altura, termina o seu *Livro de Sórora Saudade* com uma soberba e sentida interpelação aos irmãos poetas, em “Exaltação”, para insistir que era irmã deles. Florbela escapou à censura da literatura de Sodoma, e continuou a prática de dedicar poemas a alguns dos seus pares masculinos, embora apenas o fizesse em relação a uma poetisa, Laura Chaves (trata-se de um soberbo soneto que se intitula “Sou Eu!” e que tem precisamente a ver com a questão da identidade feminina). Enquanto que Judith Teixeira, pura e simplesmente, não usa dedicatórias nas obras que publicou – uma ausência que intensifica a sensação de isolamento.

Muito sugestiva aliás, Maria Lúcia, essa observação que Judith Teixeira sofreu em vida o que Florbela sofreria postumamente... De qualquer modo, em torno de Florbela houve apesar de tudo alguma solidariedade feminina, pois Fernanda de Castro, Teresa Leitão de Barros e Laura Chaves assinaram uma carta aberta no *Diário de Notícias* com o propósito de angariar fundos para um busto de homenagem. Só que, durante anos, o Estado Novo conseguiu pôr entraves para que o busto de Florbela não fosse inaugurado...



Maria Lúcia – Também no seu prefácio, Cláudia, você menciona a Gilka Machado como uma das possíveis interlocutoras da Judith. Uma vez, ainda antes da publicação da *Poesia e Prosa*, a propósito da “maldição” que persegue as mulheres – como diz o intelectual brasileiro Jamil Almansur Haddad sobre outra “maldita” (a Yde Schloenbach Blumeschein, a dita Colombina) – pelo simples fato de não serem homens, mas mulheres..., acabei tentando por achegá-las. Penso que valia a pena (se é que já não há!) um estudo de peso entre a possível interlocução entre ambas. O que me diz a respeito, Cláudia? Pode se espraiair à vontade nesse quesito, querida.

Cláudia – Em relação a Gilka Machado, se eu a mencionei o meu prefácio foi precisamente para citar o seu trabalho, querida Maria Lúcia, que constitui o primeiro estudo de peso sobre o tema. E para responder à pergunta direi apenas que neste momento há um jovem investigador italiano, o Matteo Pupila, que está quase a terminar um doutoramento sobre a Gilka Machado, Florbela Espanca e Alfonsina Storni. Por conseguinte ele é que deveria ser incentivado a aproximar Gilka Machado e Judith Teixeira! De facto, ao contrário de Florbela, cujos três livros de poesia são integralmente constituídos por sonetos, Gilka e Judith distinguiam-se pelo pendor modernista do verso livre. E como não pensar no título *Mulher Nua* utilizado por Gilka, quatro anos antes do *Nua* de Judith... Muito interessante também a semelhança nos retratos, pois, segundo me disseram recentemente, o retrato de Gilka foi inclusivamente utilizado em websites e capas de livros como sendo uma imagem de Judith Teixeira por lamentável lapso! Enfim, Gilka teve a vantagem de ter deixado descendência... e desta forma, a questão da voluptuosidade, tão cara a Judith, acabou por ser orgulhosamente reivindicada pela filha de Gilka, exímia dançarina que usou o nome profissional de Eros Volúcia.

Maria Lúcia – Algo que me interessa muito saber, Cláudia, é que tipo de “parentesco” você discerne entre todas essas mulheres que você anda a estudar. Aquelas todas que há no *Antigone's Daughters*, seu livro em parceria com a Hilary Owen – Florbela Espanca, Irene Lisboa, Agustina Bessa-Luís, Natália Correia, Hélia Correia, Lídia Jorge, as Três Marias –, a Ana Plácido, a Sophia, a Orlanda Amarílis, a Olga Gonçalves, Clarice Lispector, mais recentemente, a Francisca de Assis Martins Wood e a nossa Judith.



Cláudia – Que bela pergunta Maria Lúcia! A questão do parentesco ficou desde logo inscrita no próprio subtítulo do livro que escrevemos: *Gender, Genealogy, and the Politics of Authorship in Twentieth-Century Portuguese Women's Writing*. Tivemos a preocupação de tentar levantar a possibilidade de uma geneologia feminina, através de nove escritoras canónicas – visto que além das seis que têm capítulos individuais, as *Novas Cartas Portuguesas* de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa figuram em lugar de destaque na introdução. Na verdade, As Três Marias são um marco incontornável para o que vem antes e depois.

Se há algum parentesco e parencas de família entres as escritoras sobre as quais nos debruçámos, não será tanto pela realidade biológica (pois o caso de António Nobre, *inter alia*, comprova de forma contundente que o “feminino” não pertence apenas às mulheres), mas antes pela vivência comum no dia a dia, no que diz respeito à falta de igualdade e reconhecimento, a vários níveis. Nesse aspecto basta reler *Notícia da Cidade Silvestre* de Lídia Jorge, publicado dez anos depois da Revolução dos Cravos, para perceber que ainda havia então muito caminho a percorrer. E, ainda hoje, infelizmente, continua a haver...

Quanto a Judith Teixeira, Sophia de Mello Breyner Andresen e Ana Luísa Amaral, são algumas das muitas que não couberam no livro – mas que se encontram devidamente referidas na nossa Conclusão. E a elas fiz questão de dedicar artigos posteriormente. Quanto a Orlanda Amarílis e Clarice, foi pelo viés do conto, tendo eu também publicado sobre Luís Bernardo Honwana e, em termos de novelas, sobre Mário de Sá Carneiro e António Pedro. Sim porque eu às vezes também publico sobre homens!!! Entre outras coisas, interessa-me cada vez mais a questão das masculinidades...

Finalmente em relação ao século dezanove, nomeadamente Ana Augusta Plácido e mais recentemente Francisca de Assis Martins Wood, a escolha ainda tem muito a ver com o que ficou de fora do *Antigone's Daughters*. Inicialmente, a Hilary e eu tínhamos programado um livro que abrangesse 150 anos de autoria feminina, ou seja, que iria de 1850 até ao final do século vinte!... Foi um projeto, julgo que pioneiro, que montámos em conjunto em 1997. Mas depressa percebemos que já tínhamos pano para mangas só com o século vinte, e por outro lado havia tão pouco material conhecido e disponível sobre as mulheres do século 19! Como nós já tínhamos publicado, eu sobre Florbela, ela sobre As Três Marias, e ambas sobre



Lídia Jorge e Hélia Correia, dava para formular uma visão mais coesa. Mas realmente o bichinho da curiosidade continuou a espicaçar-me. Quando se acaba um projeto de longo fôlego como foi o *Antigone's Daughters*, quer-se fazer algo diferente – e eu pretendia voltar século dezanove, até porque fizera um mestrado sobre Eça de Queirós; ele é um dos autores que continuo a leccionar e parece-me que a sua obra ganharia em ser pensada à luz dos estudos de género e pós-coloniais. Só que entretanto não consegui resistir a escrever um artigo sobre a Ana Plácido, uns apontamentos rápidos, pensava eu ingenuamente. E como uma coisa puxa outra, isso levou-me à Francisca Wood e ao incrível periódico que ela dirigiu e que se tornou absolutamente urgente recuperar. Aliás, a campanha de ódio a que Francisca foi sujeita, e o seu silenciamento em vida (quase nada se sabe acerca dos últimos vinte anos da vida dela), lembram muito o caso da Judith Teixeira, meio século antes...

No entanto, não podemos cair na armadilha de pensar que a opressão histórica das mulheres foi sempre a mesma, sobretudo quando estamos a falar de mulheres de proveniência social ou racial por vezes muito diversa. Convém encarar as desigualdades sob o prisma da interseccionalidade. Porque é que em Portugal só recentemente é que parece ser possível uma escritora afrodescendente como Djaimília Pereira de Almeida, ganhar prémios? Os nossos currículos, em Oxford, estão em actualização permanente, porque os tempos mudam, e creio que temos de ser sensíveis a questões de representividade que, diga-se de passagem, permitem valorizar obras de grande mérito literário, negligenciadas pela história da literatura. Ou pouco estudadas, às vezes mesmo no caso de autoras conhecidas. Em anos recentes, só para citar o primeiro exemplo que me veio à cabeça, os meus alunos e alunas têm adorado descobrir o *Sangue Negro* de Noémia de Sousa.

Maria Lúcia – Não posso me esquecer de considerar que você começou a sua vida académica, a partir da contiguidade entre a literatura portuguesa e a francesa, no caso específico, entre o Eça e os realistas franceses. Que você é, portanto, uma sempre estudiosa de comparadas. E como você também concebe a literatura a partir do aproveitamento da ideia de “revisão” como ato de sobrevivência feminina –quero te contar uma coisinha. O Sena considerava a Edna Saint Vincent Miller como uma espécie de “Floribela da América”. Aproveitei essa reflexão para intervir sobre a poética desta no meu novo livro de poemas que está no prelo. Então, a propósito, querida (e já agora parece que voltei a cartear com você!), já te passou pela cabeça levar em conta essa cogitação para dar continuidade aos seus estudos de



comparadas? Fico daqui torcendo para que você invada o campo literário da Miller e a revise, a partir da contiguidade temporal entre esta, a Florbela e a nossa Judith, e, naturalmente no rastro das temáticas e das reações sociais e políticas e maledicências da hora. Que tal?

Pronto, minha querida, agradecendo a sua paciência em suportar tantas inquietações minhas em forma de entrevista a você, me despeço com todo carinho, parabenizando a você por mais esse derradeiro lançamento da Florbela, que teve a gentileza de me enviar: o belo volume de antologia que ganhou um outro de traduções, este da lavra de Simon Park.

Cláudia – Na verdade é curioso, mas naquela altura o estudo de literatura comparada não era encorajado em Oxford – enquanto que hoje em dia temos um conceituado mestrado em estudos comparatistas (MSt in Comparative Literature and Critical Translation) e outro em elaboração. Portanto o mestrado em que eu me tentei debruçar sobre Eça de Queirós e o realismo francês foi feito em Londres no King's College. Aliás na altura, em Oxford, podia-se passar diretamente ao doutoramento, só eu achava que ainda não tinha formação suficiente... Em relação a comparar Florbela com outros vultos da mesma época, parece-me muito instigante essa sugestão do Sena e o seu desafio. Confesso que não tinha pensado nisso, mas vou pesquisar e fazer mais leituras acerca de St Vincent Millay! Florbela é certamente susceptível de ser comparada a Sylvia Plath, na medida em que a trajetória de vida de ambas desemboca no suicídio, e ambas têm pós-vidas extraordinárias. Mas seria muito instigante também relacionar Florbela com outra escritora mais obviamente sua contemporânea, mesmo tendo em conta que a formação intelectual de Edna St Vincent Millay, no Colégio Vassar, um colégio universitário só de mulheres que existia desde o século 19, lhe abriu outros horizontes e maiores possibilidades. Fica o desafio para uma próxima oportunidade...

Enfim, entretanto e para concluir, deixe-me dizer-lhe que fico mesmo muito curiosa de saber como a Maria Lúcia acolhe esta “Florbela da América” no seu novo livro de poesia! Muito admiro a forma tão criativa como consegue pôr em diálogo poetas de diversos lugares, temporalidades, e até mundividências, com a sua voz sempre inconfundível. Aguardo por esta sua nova obra, que seguramente nos vai oferecer um belo pretexto para continuar a nossa conversa. Minha sempre amiga Maria Lúcia, oxalá que esse bate-papo possa ter lugar presencialmente e num futuro não muito distante.